

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



OS CORTEJOS POPULARES **OS CIRIOS PORTUGUESES**

Hoje realizam-se em Sintra os grandes festejos populares a Nossa Senhora do Cabo. E' um cirio cheio de pitoresco, que se realiza de 25 em 25 anos. Festa tradicional na historica vila, ali levará milhares de forasteiros.

Curiosidades

UM BRINDE ORIGINAL

Em Torda, deram, um dia, um banquete em honra de Jokai, o poeta e romancista mais popular e mais fecundo da Hungria. Na altura dos brindes, o poeta, acariciando a sua cabeleira, fez um magnífico discurso, que terminou com estas palavras: «Bebo ás amáveis senhoras de Tordal Oxalá que elas vivam até que os meus cabelos comecem a enbranquecer!» Depois, sentou-se. As senhoras não deram mostras de ficar muito satisfeitas com semelhante cumprimento. Então Jokai levantou-se da sua cadeira e tirando da cabeça uma soberba cabeleira mostrou um crânio perfeitamente polido «Os meus cabelos—como vêem —nunca mais enbranquecerão» —disse o poeta.

O CAFÉ

Em São Paulo, fazem-se actualmente grandes preparativos, a fim de celebrar condignamente, neste mês, o segundo centenário da introdução da planta do café no Brasil. Será uma homenagem prestada por todo o povo brasileiro á planta a que o seu país deve tanto da sua prosperidade. O café foi levado ao Brasil, pelos fins de 1727, pelo capitão Francisco de Melo, oficial ao serviço do rei D. João V. As festas terão lugar em outras regiões além de S. Paulo, mas é nesta cidade que se realizará o congresso em que serão estudados todos os assuntos relativos á produção e ao comércio do café. Uma secção científica elaborará relatórios, acerca das particularidades da planta e dos seus efeitos sobre o organismo.

UMA AMERICANICE

O doutor Gilmore, presidente da Associação dos hospitais norte-americanos, acaba de provar, em presença das estatísticas, que o número de mortes, nos Estados Unidos, diminuiu de dez por cento, o que lhe permite afirmar que os cidadãos americanos, durante o período abrangido pelas suas observações, viveram oitenta anos em média.

Daqui conclui que todo o norte-americano é obrigado a não morrer antes dos setenta e cinco anos. Como se vê, dá já uma margem de cinco anos, para os mais apressados. E parece resolvido a pedir qualquer pena para os que «fujam» antes do tempo. Não se sabe se será uma pena leve ou pesada. Em todo o caso, será a «pena última»...

SOBRADOS DE PAPEL

Na América começam a usar-se os sobrados de papel. Estes sobrados tem a vantagem de oferecer aos pés um contacto muito suave e de não ressoar sob os passos.

O seu fabrico é muito simples; a pasta de papel misturada com um pouco de cimento, que serve de aglutinante, é reduzida a uma massa espessa que se estende sobre o solo e é comprimida por meio de cilindros. Em seguida, dá-se-lhe a cor que se deseja, uniformemente ou comendo desenhos apropriados.

Sintra das sombras vivas...

*Sintra das sombras húmidas, cativa
Nesse destino agreste e singular
De quem nasceu para ser serra altiva
Eternamente namorando o mar...*

*Abriste ribeirinhos e cascatas
Nos flancos altos, de perfil incerto,
E assim beijas a água e assim já matas
Saudades loucas pelo mar tão perto...*

*Sintra das sombras vivas,—entre hortas,
Entre pomares, áreas e castelos,
Onde um canto coral de vozes mortas
Se abraça ás coisas com mais fortes elos...*

*Fantasmas—sombras vivas—não recolhas
A burguezia duma vida inglória...!
—Folhas das tuas árvores são folhas
Dum Livro Verde onde se escreve a História...*

*Mantem o orgulho nobre dum destino
Que pelos tempos fora é caminhar...
—Só tu venceste um poeta peregrino
Que disse, ao mundo, mal do mundo inteiro...!*

*Nas tuas quintas de portões fechados,
Conserva a solidão distante e austera...
Deixa cair as ninfas, aos b'cados,
Nas fontes sêcas recobertas de hera...*

*Oh Sintra dos walis, Serra da Lua,
Sê mulher moira que jámais se atreve
A descobrir seu rosto, e continua
Usando um casto véu de bruma leve...*

*Oh Sintra medieval, que foste ninho
De "inclita geração de altos infantes",
Sê cavaleiro andante, que sôsinho,
Persegue sonhos mais e mais distantes...*

*Sintra da hora da aventura imensa,
Que viste um rei, alvoroçado e lêdo,
Sobre um monte cimeiro, em névoa densa,
Adivinhar das Índias o segrêdo...*

*Vê sempre, ao longe, se lá vem singrando
Nau do Progresso—embarcações festivas,—
Mas não despertes do teu sono brando,
Sono de morte cheio de sombras vivas...*

T. L. B.

TERRA SEM RELÓGIOS

Na Libéria, não é preciso usar relógio. O sol levanta-se, com a maior pontualidade, ás seis horas da manhã, e deita-se também pontualmente, ás seis horas da tarde, durante todo o ano. Ao meio dia, encontra-se sobre a cabeça dos habitantes, os quais já conhecem tão bem a hora pela posição do sol, que nunca precisam de consultar os relógios.

A LOTERIA DOS NOIVOS

Entre os pescadores do distrito de Elvegaard, na Noruega, existe um curioso costume. Quando uma rapariga pobre atinge os vinte anos e manteve sempre uma conduta impecável e uma grande dedicação pelos seus deveres familiares, as autoridades do distrito decidem constituir-lhe um dote. Para esse efeito, organisam uma lotaria, cujos bilhetes são rapidamente esgotados. Quem ganha, se é homem e solteiro, pode aspirar logo á mão da beneficiada pelo dote. A rapariga pode recusar o esposo que a sorte lhe destinou, mas, nesse caso, o rapaz que ganhou na lotaria tem o direito de ser o seu padrinho de casamento.

OS QUATRO MAIS PEQUENOS ESTADOS DA EUROPA

São a República de Andorra, o

Principado de Liechtenstein, a República de São Marinho e o Principado de Mónaco. A República de São Marinho vai inaugurar um caminho de ferro. Dêstes estados, o mais antigo é a República de São Marinho, fundada no século XIV. Andorra foi fundada em 1607, ficando logo sob o protectorado da França. Mónaco existe desde 1641, e Liechtenstein desde 1688. Mónaco tem 23.418 habitantes; São Marinho, 12.812; Liechtenstein, 11.500; Andorra, 5.231. Este censo refere-se ao ano de 1922. Quanto á superfície, Andorra tem 452 km-quadrados; Liechtenstein, 159; São Marinho, 61 e meio; Mónaco, 22.

QUESTÃO DE CIFRA



Aquele não é a cara metade, é a cara dobrada.

A INTELIGÊNCIA DAS FOCAS

A fêmea da foca vem ter os filhos nas margens, e o macho que a acompanha para a escolha do lugar vem trazer-lhe alimento, isto é, os peixes que vai apanhando.

Durante uns quinze dias, a mãe não deixa os seus filhos. Em seguida, leva-os até á água, onde vigia os seus primeiros «passos». Depois do período de amamentação, que dura entre cinco a seis mezes, e logo que o filho pode alimentar-se sôsinho, é posto fora pelo pai, vendo-se obrigado a estabelecer-se longe da família. As focas deixam-se apanhar com facilidade e são muito dedicadas ás pessoas que as domesticam. Reconhecem a voz do dono, estão ao corrente dos hábitos dêste, esperam a sua chegada, vão ao seu encontro, observam-no e obedecem-lhe, graças a uma inteligência notável, devida ao desenvolvimento dos seus lóbulos cerebrais, desenvolvimento que, nas focas, é proporcionalmente maior do que nos outros mamíferos.

A ORIGEM DO CORREIO

A invenção dos correios remonta aos antigos reis da Persia ou, mais particularmente, a Ciro. A extensão do império fazia com que os governadores das províncias só a muito custo pudessem comunicar uns com os outros. Depois de ter calculado qual o caminho que um bom cavalo podia vencer em um dia, Ciro mandou construir cavalariças nos pontos que limitavam esses percursos. Junto das cavalariças estabeleceram-se palafreiros e um empregado, que tinha por obrigação receber a correspondência trazida pelos correios e entregá-la a outros, a quem fornecia cavalos frescos. Assim, a correspondência caminhava dia e noite, sem se olhar á chuva, á neve, ao frio ou ao calor. A superintendência geral dos correios tornou-se, com o correr dos tempos, um lugar importante, no império dos persas. Dario exerceu esse lugar, antes de subir ao trôno.

A VERDADE DOS SONHOS

Na Austrália, uma rapariga de Darlinghurst, nos arredores de Sydney, desapareceu subitamente, em meados de Abril. Todos os esforços da família, dos amigos e da policia, para a encontrar, foram improficuos. Já desesperavam de encontrar a fugitiva, quando, em certa noite, uma das suas amigas, miss Andrews, a viu em sonhos. Vivia numa povoação chamada Bandi, numa determinada casa, onde a desaparecida se empregara.

No dia seguinte, miss Andrews, sem dizer nada a ninguem, resolveu ir a Bandi, onde nunca estivera. Com enorme surpresa, encontrou numa das ruas da povoação uma casa exactamente igual á que vira em sonhos. Entrou e foi encontrar a sua amiga desaparecida.

Esta miss Andrews já, há anos, vira, em sonhos, qual era o cavalo que, dias depois, ganhava o primeiro prémio nas corridas de Melbourne, cavalo cuja existência nem sequer conhecia.

VARIA

Sintra a mui pre-
sada...

MAIS UM EXITO

O NOSSO CONCURSO

Qual a
costureira
mais
bonita?

O «Domingo Ilustrado» lançou no seu ultimo numero os planos de um original concurso para se saber qual a costureira mais bonita dos ateliers de Lisboa.

As quadras chegadas até á hora do nosso jornal entrar na maquina denotam o entusiasmo que produziu em toda a Lisboa a nossa «enquête».

Não ocultamos o nosso desvanecimento.

Oportunamente, a pouco e pouco irão sendo as quadras recebidas todas publicadas, revelando-se ao mesmo tempo as expressivas e gentis dedicatórias.

EM VISTA DO SUCESSO ALCANÇADO O DOMINGO ILUSTRADO resolve ampliar a TODO O PAIZ o seu original

CONCURSO

Podem concorrer simultaneamente com UMA QUADRA e UMA FOTOGRAFIA todos os interessados em reclamar a beleza e os atractivos da

Costureira mais

linda de

Portugal

jadas, cujo mais remoto ascendente parece ter sido a loja da Sapa, nome cu alcunha da mais antiga e famosa queijadeira de Sintra.

O primeiro caminho de ferro que ligou Lisboa a Sintra foi construído pelo sistema do engenheiro francês Larmanjat.

Em 1 de Outubro de 1873, inaugurou-se a linha com um «tramway» que parava nas estações de Sete Rios, Bemfica, Porcalhota, Ponte de Carenque, Queluz, Cacem, Rio de Mouro, Ranhas e Sintra. A exploração durou apenas três anos, abrindo falência a empresa, que foi julgada nos tribunais ingleses.

As armas de Sintra são um escudo em campo verde, tendo no centro um castelo sobre uma serra.

Sintra, o «Versailles» da corte portuguesa, não foi, como a residência dos reis de França, invadida pela turba revolucionária. Nas salas dos seus palácios dormem ainda os ecos saudados duma hora fútil e galhofeira, com largos instantes de drama e de ressonância épica.

A MUI PRESADA, chamou-lhe Cristovão Falcão. Byron cantou a no canto primeiro do «Childe Harold». Luísa Sigé, que foi mestra da Infanta D. Maria—filha de D. Manuel I e de Leonor de Austria—dedicou-lhe nada menos que um poema.

Desde os remotos tempos dos walis mouros que Sintra serviu como estância de verão aos habitantes nobres de Lisboa. Sintra foi querida da dinastia de Aviz e no palácio onde as pégas repetiram a maliciosa desculpa de D. João I («por bem, por bem...»), nasceu e morreu D. Afonso V, o nosso último rei-cavaleiro, cavaleiro medieval. Em Sintra assinou D. João II o generoso alvará que permitia aos judeus expulsos de Castela a entrada em Portugal. Em Sintra erigiu D. Manuel o convento de Nossa Senhora da Pena, em memória do voto que all fizera de construir o monumental mosteiro dos Jerónimos de Belem. Foi no palácio de Sintra que se reuniu o conselho onde D. Sebastião decidiu a malograda jornada

Para além da Penha Verde, fica o palácio dos Seteais, que pertenceu á casa dos Marialvas e á de Loulé, sendo numa das suas salas que foi assinada, a 31 de Agosto de 1803, a convenção de Sintra, o vergonhoso tratado que pôs termo á primeira invasão francesa em Portugal. Outras quintas notáveis de Sintra são a dos barões da Regaleira, a Quinta do Relógio, que pertenceu ao capitalista Pinto da Fonseca, a do Conde de Penha Firme, a dos Duques de Palmela, a do Duque de Saldanha e a dos Marqueses de Viana, de Valada, de Pombal, condes de Redondo, duques de Cadaval e de Lafões. Entre todas, sobressai, porém, a Quinta de Monserrate, com um palácio mandado edificar por um inglês riquíssimo, Sir William Beckford, que residiu muito tempo em Portugal e esteve quasi noivo duma filha dos marqueses de Marialva. Esse palácio passou depois a ser propriedade do negociante inglês Cook, a quem o nosso governo deu o título de Conde de Monserrate.



O Palácio Nacional

de Alcêcer. No mesmo palácio sofreu oito anos de cativo, o rei Afonso VI, o vitorioso vencido.

Os procuradores de Sintra tinham assento em Côrtes, no sexto banco. Sintra teve um sargento-mór, mais tarde capitão mór. O último capitão-mór de Sintra foi um homem riquíssimo a quem a desgraça não poupou: viu morrer na fôrca um filho, que foi um dos estudantes encarregados de matar os lentes de Coimbra que vinham a Lisboa, para felicitar D. Miguel.

Na estrada de Sintra para Colares fica a quinta da Penha Verde, onde há muitas árvores plantadas pelas próprias mãos de D. João de Castro, vice-rei da Índia.

O Convento da Pena, fundado por D. Manuel em 1503, foi aberto na própria rocha. D. Fernando comprou-o, quando foram extintas as ordens religiosas, e transformou-o em castelo no gosto da Renascença, rodeado de lindíssimos jardins. Noutra cabeça da serra, fica o Convento de Penha-Longa, fundado em 1355 por Fr. Vasco Martins e concluído por D. João I, em 1400. Foi comprado ao Estado pelo capitalista Tomás Bessone que, em Junho de 1878, o vendeu ao visconde da Gadarinha, por 14 contos de réis.

Perto de Sintra fica a quinta do Ramalhão, residência predilecta de D. Carlota Joaquina. Entre o Ramalhão e S. Pedro ficavam os principais estabelecimentos de venda de quei-

A'S SENHORAS

Deseja V. Ex.^a mudar de côr aos vossos vestidos, com rapidez e economia!

Empregai só a tinta ARTI

Porque não debota com a luz nem na lavagem.

A melhor tinta para tingir fazendas é a ARTI

Lindas côres. — Pedir nas casas da especialidade.

Unico depositario:

JOSÉ NUNES COELHO

RUA FRANCISCO SANCHES, 112 A 120

TELEFONE NORTE 5631 - LISBOA

XADREZ

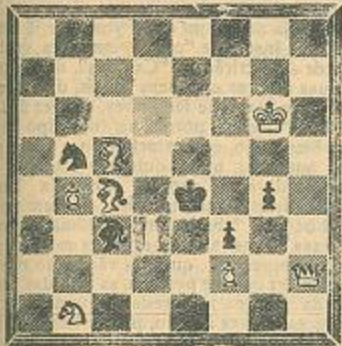
Correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Oremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 141—PROBLEMA

Por C. W. Fallows

«Newcastle Weekly Chronicle» 1913—1.º premio

Pretas (5)



Brancas (7)

Mate em 2 lances

Solução do problema n.º 140

(Schrifer)

I B I S a I

CAMPEONATO DE FRANÇA—Realizou-se na primeira quinzena de Setembro em Chamonix sendo ganho pelo campeão de 1926 A. Cheron.

Barreira de Sombra

CAMPO PEQUENO

Segundo a opinião do meu amigo Banana, a corrida do dia 18 deveria ter deixado belas impressões, se não fresse desagradado, como sucedeu.

Dos tres espadas, Antonio Marquez, Zurita e Martinez, foi o primeiro quem, com o seu primoroso trabalho, salvou toda a corrida.

Os touros, de origem espanhola, á excepção dos 1.º e 4.º, que cumpriram, deixaram muito a desejar, bem como as cuadrillas dos tres espadas, especialmente um dos picadores de Zurita, que não terá, decerto, vontade de cá voltar, tais foram os disparates que fez, e as ovações almojadadas que recebeu da numerosa concorrência que assistiu á tourada presidida pelo Comandante da Policia, sr. Ferreira do Amaral, e bem dirigida pelo ex-bandeirheiro Manoel dos Santos.

A fim de que não se repitam os justos protestos da assistencia, como se viu na abertura desta corrida, é de toda a conveniencia que, de futuro, a confecção dos cartazes, quanto á sua redacção, seja feita com mais escrupulo e... tenho dito.

ZÉPEDRO

TRABALHOS
TIPOGRAFICOS

EXECUTAM-SE NAS OFICINAS

De O DOMINGO ILUSTRADO

cronica da semana por norberto lopes —

QUEIJADAS DE SINTRA

HA a agua de Sintra, o Paço de Sintra, o Palacio de Sintra, a Serra de Sintra—e as Queijadas de Sintra.

Nem todas as pessoas que vão á vila nobre bebem agua na Sabuga ou na Fonte dos Passarinhos, nem todos sobem á Pena, entram no Paço de D. João I e dão a volta ao Parque.

Mas ninguem deixade comer as queijadas. As queijadas são o simbolo de Sintra mais transparente de verdade. A unica cousa mesmo, a unica, que se traz para Lisboa, a unica que irradia nas cidades, e é copiada, plagiada, imitada, especulada.

Acresce que as queijadas são tambem, apesar da doçura contemplativa da linda vila real — a unica cousa autenticamente doce. E quasi dizemos a unica realmente humana, porque tambem elas, como nós, veem numa condessinha.

Em verdade, nós, que gostamos tanto das queijadas, somos todos filhos da Matilde. A Matilde é que nos faz gulosos; a Matilde é que nos dá a recordação transitoria de Sintra. A Matilde é que, por pouco dinheiro, nos defende muitas vezes quando a gente diz que foi a Sintra passar a tarde, que perdeu o ultimo comboio, que teve de lá ficar.

—Toma, filho! Aqui estão as queijadas.

E' o documento que não admite duvida. Queijada de Sintra ha em toda a parte. Da Matilde, a valer, só em Sintra.

A Matilde devia ter um monumento. O Casino devia chamar-se "Casino da Matilde". Sintra mesmo devia dividir-se assim: de um lado a Estefania, do outro lado a Matilde.

A Estefania é a vila nova, a Matilde a vila velha, a tradição, a gulosima, a nobreza, a talassaria, a graça de Sintra.

Está provado que Byron gostava de queijadas. Sem elas, o seu estomago saxónico não teria disposição para fazer versos.

E depois, ha que não esquecer: a Matilde foi uma Mulher. A melhor queijada do seu tempo. A uma rapariga bonita que veraneie em Sintra não será ofensa chamar-lhe, em vez de flor, de amor, simplesmente uma "Matilde". Tambem ha a "Sapa". Mas é da Matilde que tratamos. Os nomes têm influencia.

Enfim: Sintra para nós é uma queijada, embrulhada no papel de cor ou branco, com a gravura da Pena ou do Paço.

Pde cair tudo: a Vereação Municipal e o Casino, o projecto do elevador, o Castelo dos Mouros, as arvores da estação e o Sr. Adriano Coelho.

Enquanto houver queijadas de Sintra, daquelas que tu te trouxes ontem, minha "Matilde" do meu coração—Sintra não acaba. São pequeninas como tu, cabem dentro da nossa boca—e fazem da nossa vida a mais doce queijada da existencia.

NORBERTO LOPES
GRANDE VANTAGEM



—500 escudos por um rez do-chão?
—Pois sim, mas tem elevador.

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'ACOLA.

Visuais e invisuais

A propósito duma contenda provocada pela recente disposição legal que obriga os executantes musicais a pagarem direitos de autor, veiu a saber se que os musicos privados de vista não querem ser «cegos» mas «invisuais»... E' duma infantildade bastante comica. Não é dum orgulho respeitavel. «Cego» é uma palavra triste, grave, nobre... «Invisual» é uma palavra sem tom nem som, uma palavra alambicada. Daqui a pouco, os mudos são «invoais»; e os parvos, «desintelectuats»...



Marmelos assados

OS marmelos assados no forno que, ao lusco-fusco, começam a ser apregoados pelas ruas pobres, são os arautos do inverno...

Em pleno outono, já eles começam a transitar, com uma lanterninha espetada no meio do cêsto, que lhes serve de veículo. E o lisboeta sente-se roubado, sentindo que lhe bate á porta o inverno, sem que o verão fizesse a sua visita calorosa.

Passou-se Julho, Agosto, e vai correndo Setembro, sem que se ofereça ensejo para uma exclamação do genero: «Uf! Está um calor de rachar!» Este ano, o calor não rachou ninguém. Este ano, o primeiro ano em que os meninos do liceu não tiveram exames em Agosto, para não suarem demais, o calor não veiu... A atitude retraida e discreta do verão que não apparece em Lisboa faz pensar em certas pessoas que sendo mal apreciadas nas casas onde mais gostosamente appareciam resolvem «melindrar-se» e não apparecer mais...

Cá e lá...

«**CÁ** não se vendem livros ou, quando se vendem, os respectivos autores estão habilitados a comprar um gramofone ou a ir jantar ao Estoril...»

«**LÁ**, em França, há escritores que vivem como nababos. Maurice Maeterlinck comprou, recentemente, o castello de Condray-Montpensier, na Touraine, imponente construção do século XV, cheia de caracter e de poder evocativo.»



Porque não nos convencemos, até para satisfazer o amor proprio de tanto litterato de linhas mal cosidas, que não vale a pena ser escritor, em Portugal...? Porque teimam em apparecer dez brochuras em portuguez ent e centenas de volumes francezes? Porque não aprendemos todos a ler e a escrever, logo em francez? Porque não utilizamos o «idioma de Camões» apenas em requerimentos, decretos, cartas de cursos, discursos parlamentares, revistas do ano, scenas de rua, dichotes ás senhoras e legendas de fitas...?

Aí fica o alvitre...

Os principes e o «box»

DOIS princepezitos espanhóis, filhos de Afonso XIII, foram visitar a mãe do «boxeur» Paulino Uzcudun, felicitando-a pela ultima victoria do filho. A velhota, não dando conta da estipe régia dos dois meninos, ofereceu-lhes um calicezinho de qualquer geropiga. Por fim, soube de quem se tratava... Confusão, emoção... Os jornais falam do caso. Foi uma scena tocante.

Dois dias depois, morria em Barcelona um

cutro «boxeur» de nomeada, vitima dum sóco mais heroico.

E os princepezitos espanhóis, como os meninos de todo o mundo, podem agora perguntar se o «box» é um «sport» ou é uma brutalidade, visto que enche de orgulho uma raça e aira homens válidos para o Outro Mundo...

Taxis de meia-dose

CHAMAM-SE assim os «taxis» que, a certa altura, se negam perante o obstaculo de qualquer rua mais ingreme. O passageiro incauto sobe para o «calhambeque», dá o nome da rua e refastela-se no seu lugar, persuadido de que vai encontrar-se, daí a minutos, á porta de casa. Pura ilusão! Se a rua é menos plana e mais tortuosa do que o «chauffeur» sonhara, o passageiro é depositado á entrada da ladeira, que terá de galgar a ré firme... Geralmente, foi a ideia triste de subir a ladeira que o levou a meter-se num «taxi». Ninguém o indemnisa de mais essa ilusão desfeita. Se reñia, atiram-lhe um palavrão e fogem, a toda a força do «calhambeque».

Não seria possivel ser obrigatorio o uso dum distintivo bem visivel, nesses «taxis» de meia-dose? Assim como ha os taxímetros pintados de vermelho, o que significa: «Arreda, que te esfolo!»—devia haver os taxímetros pintados de negro, o que significaria: «Arreda, que não subo!»

A mulher de Calino

A mulher de Calino ouviu dizer que o sr. Agatão Lança era rev luctonario por «sport», o sr. João Maria Ferreira poeta por «sport», o sr. Antonio Cabreira matematico, por «sport», etc., etc. Ao mesmo tempo, ouviu dizer que o «foot-ball» era o «sport» mais universalizado. Tudo isto lhe fez certa confusão. E essa confusão explica a seguinte frase, aparentemente extravagante, que ha dias fez successo entre as senhoras que veraneiam no mesmo hotel onde está a simpatica esposa de Calino:

—«As minhas filhas andam a aprender francez, mas é só por «foot-ball»...»

De facto, mesdemoiselles Calino jogam magistralmente o «foot-ball» com o idioma gaulês.



APETITE



—Oh senhor meu este cão numa festa.
—Desculpe, mas o meu cão é preto, muito um bom cão.

questão previa

Por FELICIANO SANTOS

QUANDO pela primeira vez fui a Sintra, era eu um mancébo duma especie hoje desaparecida, que pendurava sonhos nas arvores e em cada recanto de fresca sombra imaginava idilios, absolutamente innocentes e requintadamente literarios.

Sabia já ao tempo que Pyron por lá passara a sua insolente «pose» romantica, conhecida de cór a descripção do «Camões», de Garrett, e as suas arvores e os seus hotéis, do Nunes so Lawrence eram-me familiares, atravez da historia dos «Maia», porque eu fui o tipo do precoce litteratello, que caracterizou a minha geração, que não tinha outros elementos para desengordurar o espirito senão a litteratura e as artes, distantes como estavam ainda o «foot-ball», o «charleston» e outras diversões.

Dessa primeira visita a Sintra me ficou uma suave impressão, que em vão tento resenir de cada vez que lhe percorro as estradas umbrosas da vila ou as veredas ingremes da serra. E, receando ser injusto, pergunto a mim mesmo, com uma duvida que é já talvez um rebate de velhice intolerante, se fui eu ou foi Sintra que assim mudou e se fez tão diferente nas sensações que recebe e que transmite.

Decerto Sintra mudou, sem duvida para melhor. A poeira, que era um dos seus encantos celebrados e que no Eça serviu para construir a nuvem donde, aos olhos surprezos de Carlos da Maia e do bruges, surge o Alencar, de panamá e meditando; a poeira, que parecia ser um elemento constitutivo das mesmas queijadas, é hoje ferozmente afagada em aguas de Sintra, que luxo!—por uma «camionette» de regas, que depois da Sociedade de Escritores e Compositores Teatraes portuguezes é o mais legitimo orgulho do meu querido amigo e camarada Mario Duarte, sin-trense de adopção.

Regada, penteada, com os musgos classicos penteados á «garçonne» e os burros cinzentos substituidos por Fords pretos; com combolos a quarenta minutos de viagem directa; com estrada de cimento e palacios de entrada paga, Sintra entrou definitivamente no regime do Baedeker, embora tenha saído das almas romanticas, que nela buscavam quietação e poesia.

Eu já não sou do tempo dos «omnibus» e do almoço obrigatorio e obrigado a coelhadinha velha Porcalhota, mas ainda sou dos que se habituaram a ir a Sintra procurar surpresas as «miss» romanescas e não o encontro de espalgados clientes do Cook, que em caravanas e de interprete ao lado do «chauffeur» aceitam o palacio manuelino da familia Carvalho Monteiro como sendo o arabe rendilhado do Monserrate e fotografam o Castelo dos Mouros, como um magnifico exemplar de termas romanas.

Sem duvida—ai de mim!—sou eu quem se tornou diferente e piorou. A Sintra de hoje é melhor, mil vezes melhor, que a Sintra de ha vinte anos, de que os meus olhos andam agudados. O Casino, o «dancing», o cinema civilizar Sintra que, apegada ás tradições dos tempos do «omnibus» e da Porcalhota, continua a dever a um Coelho—o sr. Adriano Coelho—uma grande parte da sua prosperidade, mas quando entro no terreiro de Seteais, para evocar o Tomás d'Alencar recitando, sublime e ridiculo:

E a ro-ha dura aqueceu.
Ao calor dos nossos beijos...

e apanho em cheio com o balão do «Queijada Foot-Ball Club», que se anda a «treinar» para bater o «Viuva Gomes Atletico Sporting», os meus devaneios debandam, como pombos que viram milhafre ao longe.

Ai, onde está a Comissão de Iniciativa e Turismo que reconstitua, para a minha sensibilidade, a Sintra que os meus dezoito anos sentiram?! Onde está ela, que lhe quero pagar, pela boa acção, uma avantajada taxa de turismo?!



ESTE NUMERO FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

HUMORISMO

O CRAVO

E' uma flor em forma de sofisma e que tem várias applicações. O cravo pode ser de papel, ou de carne e osso. O cravo de papel nasce com versos de pé quebrado e dá-se principalmente ás sopeiras, enxertado num mangerico.

A fêmea do cravo é conhecida pelo «crava», especie de individuo que tem segredo de arrancar notas de cinco escudos sem dôr e sem anestesia local. São as seguintes, as mais apreciadas especies de cravos:

«O cravo de cabecinha», que é o mais inteligente da familia, porque sempre tem cabeça, embora pequenina.

«O cravo de ferrador», que se dá muito bem nas solas dos pés de alguns cavalheiros e que se recebe na boca do estomago.

«O cravo do nariz», borbulha avermelhada que brota na primavera nos appendices nasais de algumas pessoas, que se dedicam a essa jardinagem.

A um jardim chelo de cravos dá-se o nome de «cravação» e dum sujeito que tem muitos cravos diz-se que está «encravado».

O ANANAZ

Conheceis o ananaz? E' um fruto tropical, de meia idade, com um pedacinho verde na cabeça e muito escamado ou escamoso. Dá-se nos climas quentes por dez réis de mel coado, mas nos climas temperados custa um dinheirão, a não ser em epoca de guerra com a Alemanha, porque então ainda recebe dois tostões quem comprar um daqueles frutos, além dum cacho de bananas de bonus.

A origem do ananaz é semelhante á de todos os frutos dos países da zona torrida. O ananaz é espontaneo, com as manifestação doutros tempos á porta da Brasileira, e além disso é de natureza sociavel e geralmente bem-quistado.

Consultando a obra de Capelo e Ivens, os sermões do padre Antonio Vieira e o Manual do Perfeito Jardineiro, apura-se que o ananaz nasceu dum planta que não tinha mais nada que fazer senão ananazes.

A etimologia do nome do fruto é que é mais complicada e demanda um aturado estudo da obra vasta de Frei



D. ANA NAZ -

Amador Arrais e da Historia Universal de Cesar Cantu. Eis como os acontecimentos se passaram:

A rainha da Coquelidocia era uma



Por XISTO JUNIOR

Digressão instrutiva atravez de alguns frutos e flôres

excelente senhora, que padecia duma neurastenia aguda. Um dia, andando a passear no deserto para espaiar, deparou-se-lhe um daqueles frutos em bom estado de conservação. Provou, gostou, levou o resto para o palacio e como o fruto estava exposto ao sol, viu-se logo que era um engeitado e que, portanto, não tinha nome.

A rainha decidiu amadrinhá-lo e ce-deu-lhe o seu nome e apelido. Ela chamava-se Ana Naz I, a «Neurastenica». E' até por esta razão, embora o não pareça, que o ananaz é delicioso, preparado com vinho da Madeira.

O MELÃO

O melão é um fruto, embora muita gente boa o não tenha nessa consideração. Em suma, ninguém está livre



duma calunia e é debaixo dos pés que se levantam os trabalhos.

Pois, como iamoz dizendo, o melão é um fruto em forma de cabeça, que tem o cabelo cortado á escovinha e, tambem como qualquer pessoa, tem tripas e pevides.

Assim, o melão é bastante parecido com o genero humano e só se distingue do referido genero na maneira por que se faz a escolha. Para se escolher um melão cheira-se o fruto, mas para se escolher uma pessoa não se cheira, nem no mesmo sitio, nem noutro, embora seja costume dizer-se de alguém que não serve para um certo efeito: «Não me cheira».

O melão é oriundo da Papuasias, onde é espontaneo, risonho e franco e onde é vendido a metro.

Foi trazido para a Europa por um navegador português do século XV, chamado Melo, a quem, como era muito gordo, chamavam vulgarmente o Me-

lão. O fruto herdou-lhe a alcunha e não herdou mais nada, porque o Melo não deixou testamento.

RAINHA CLAUDIA

Na «Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França», a paginas vinte e três e seguintes, o eminente historiador Alexandre Herculano occupa-se largamente da vida desta ameixa coroada, que ainda hoje conta vassallos fieis entre nós.

Como rainha, Claudia foi uma soberana geralmente estimada no seu bairro, gosando da consideração de todos os inquilinos do predio onde morava, pela pontualidade com que mandava esfregar a escada todos os sabados.

A sua compota foi sempre correcta e, apesar de ter carôço, manteve-se na mais absoluta neutralidade durante a guerra, sendo muito apreciada pelos aliados em calda de açúcar.

Mas, enfim, a humanidade avança e não se pode cerrar ao pensamento humano, como uma porta de ouro americano, o velho Vaticano—como lapidamente o disse o sr. dr. Julio Dantes quebrar um verso que torcer um pé de cadeira. A democracia, na sua marcha irresistivel, atingiu o prospero reino da Frutilandia, em que a Rainha Claudia imperava e uma revolução intestina, provocada pelas cerejas, auxiliadas por uma tarraçada de agua, destronou a infausta soberana, proclamando a Republica, de que foi eleito presidente provisorio o dr. Abrunho do Duque, antigo e conceituado rival da Rainha Claudia.

Forçada a exilar-se, a pobre Rainha Claudia começou a ser vendida á duzia. Foi isso o que a perdeu, porque, apesar de todos os esforços dos seus partidarios, faliram todas as esperanças de restauração dumas instituições que tinham á sua frente uma rainha das duzias.

Em sinal de sentimento, a Rainha Claudia subiu de preço.

O ALHO

E' o alho, meus meninos e meninas, um fruto eminentemente intelectual, pois se revela sob a forma de cabeça e profundamente odontológico, pois tem dentes.

Apesar da sua magnífica dentadura, não ha memoria de algum alho ter

mordido qualquer pessoa, sendo de costumes tão pacíficos que liga perfeitamente com a assorda.

O alho possui, além disso, algumas qualidades recomendaveis, sendo principalmente muito esperto. Só apresenta o inconveniente de cheirar muito a si proprio, não sendo, por isso, apropriado o seu uso como essencia de lenço.

Adicionado de algumas letras ou sílabas, o alho entra na composição quimica de outras plantas e de varios substantivos e adjectivos dos mais correctos da nossa gramatica.

O alho descende duma nobre familia que teve o seu solar na Outra Banda, onde' ainda hoje são muito conhecidos os Alhos Vedros.

Ultimamente, o alho tem-se dedicado com afinco á politica, motivo por que toda a gente diz que o país está metido numa grande alhada.

O PECEGO

E' um fruto proprio do inverno, por ser de veludo, mas como a natureza é por vezes imprevidente, só ha pêcegos no verão, como os senhores verão.

O pêcego, enquanto é pequeno, chama-se damasco e é muito empregado na confecção de colchas e cortinas. No oriente ha uma estrada toda feita de pêcegos pequeninos e que, por isso mesmo, se chama a estrada de Damasco.

Ha varias especies de pêcegos, como é natural. Ha uns com a face amarela: são os que perdem aa noites. Outros apresentam uma bela côr vermelha: são os que se pintam. Ha tambem os pêcegos carecas, como o dr. Raul Leal, que é um dos novos mais velhos da moderna geração.

A etimologia do nome deste fruto é bem visivel ainda na palavra que o designa e que decomposta dá: pê cego. Isto quer dizer que o pé do pêcego é cego e que não olha ás circunstancias. Ha quem goste de pêcegos com vinho, mas ha tambem quem os prefira em estado perfeito de lucidez.

A AMEIXA

A ameixa é um fruto agressivo, que tem em Portugal, especialmente em Lisboa, um largo consumo. E' tão resistente a arvore que dá este fruto que até dela se diz que o forte da Ameixeira é dar ameixas.

Ha ameixas de varios calibres. A



ameixa de espingarda é em tamanho natural, mas é tão indigesta como as outras. Poucas pessoas se gabam de lhe terem metido uma ameixa no esto-

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 14

PUBLICIDADE

FRANCISCO ANTONIO PINHEIRO
Drogaria, Ferragens e Perfumarias
SINTRA

Hotel Central

Telef. 63

PRAÇA DA REPUBLICA

Em frente ao Palacio Nacional

SINTRA

*Serviço de 1.ª ordem—Magnificas instalações—Fala-se francez e inglez
Recomenda-se este Hotel aos touristes que venham a esta vila*

Antonio José Soares

MERCEARIA

Rua Consiglieri Pedroso

SINTRA

Henrique da Silva Soares, Suc.

ARMAZEM DE MERCEARIA E CEREAIS

Especialidade em Vinhos de Colares

R. do Paço

SINTRA

Perola da Estefania

COUTO & C.^a

DE

COMPLETO SORTIDO DE MERCEARIA, VINHOS FINOS, LICORES, CONSERVAS,
LOUÇAS, ETC.—SECÇÃO DE PAPELARIA, TABACARIA, RETROZARIA, BIJOUTERIAS, E
ARTIGOS DE ESCRITORIO — ESPECIALIDADE EM CARNES FUMADAS — SEMPRE
NOVIDADES EM ARTIGOS PARA BRINDES

Largo Afonso d'Albuquerque

SINTRA

S. Ribeiro, Limitada

MERCEARIAS POR GROSSO, CEREAIS, LEGUMES, AZEITES E ADUBOS

Proprietarios da acreditada marca de vinho Colares F. N.

Agentes da Fabrica de Cerveja ESTRELA

TELEFONE 77

Largo Afonso d'Albuquerque

SINTRA

Cardoso & Faria, L.^{da}

Mercearia, Cereais e Ferragens

SINTRA

GALAMARES

Hotel Europa

TELEFONE N.º 3

ESTEFANIA—SINTRA

PORTUGAL

SERRA DE SINTRA

O melhor refrigerante

Distinção maxima na exposição de Sintra em 1926

PEDIR EM TODA A PARTE

SOCIEDADE AGUAS DA SERRA LIMITADA

Avenida D. Francisco d'Almeida—SINTRA Lisboa Telef. N.º 4132

Irmãos Lucios

CABELEIREIRO DE SENHORAS

Todos os trabalhos modernos e de bom tom

PREÇOS CORRENTES

DIRECCÃO A CARGO DE COMPETENTES
TECNICOS

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Super-Moldação

transforma
os Pneus usados em
PNEUS NOVOS

FABRICA DA BORRACHA LUZO-BELGA
LISBOA Victor & Cordier, L.^{da} PORTO

Grande Hotel DUAS NAÇÕES

(Filial do GRANDE HOTEL DA CURIA)

End. Teleg. DUASNAÇÕES

Telef.: N.º 2040 C

Rua Augusta e Rua da Victoria, 41

No centro da cidade

PREÇOS MODERADOS

BOM TRATAMENTO

ASCENSOR

PREÇOS CONVIVATIVOS PARA FAMILIAS

On parle française.

English spoken.

Man Spricht Deutsch

Proprietarios: Costa & Wissmann L.^{da}

Fotografia Sintra

Atelier SERRA RIBEIRO

AVENIDA ELIAS GARCIA — SINTRA

RETRATOS ARTISTICOS

REVELAGEM E IMPRESSÃO

REPRODUÇÕES

PARA AMADORES

AMPLIAÇÕES

VENDA DE PELICULAS

TRABALHOS FORA DO ATELIER

E CHAPAS

ESCRITORIO: LARGO DO CALHARIZ, 15, S/LOJA
TELEFONE T. 558

LISBOA

Minerva Comercial Sintrense

CASA FUNDADA EM 1914

JOÃO ROBERTO ROSADO

Trabalhos tipograficos em todos os generos

PREFERIR ESTA CASA É UMA GARANTIA SEGURA DE ECONOMIA

Orçamentos gratis

Avenida Dr. Miguel Bombarda, 5

SINTRA

Os pneus **Goodyear** são producto duma excelente manufactura e de matérias primas de primeira qualidade

A sua superficie de rolamento (piso) All-Weather, isenta-os de "derrapages".

Adquira pneus **Goodyear**, que são os melhores.

CONCESSIONARIOS UNICOS

Corvaceira, Mariano & Gomes, L.^{da}

LISBOA

R. dos Fanqueiros, 250, 1.º

PORTO

R. Alexandre Braga, 98 - 100

R. Fernandes Thomaz, 231 - 233

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O PEQUENO DELITO

Página do Reporter Misterio,
cheia de originalidade e de
imprevisto, passado nos arre-
dores de Sintra e que se lê
com crescente interesse.

PODE dizer-se que o lar de Silvestre Sampaio é um lar modelo. Modelo de serenidade, harmonia e de paz doméstica.

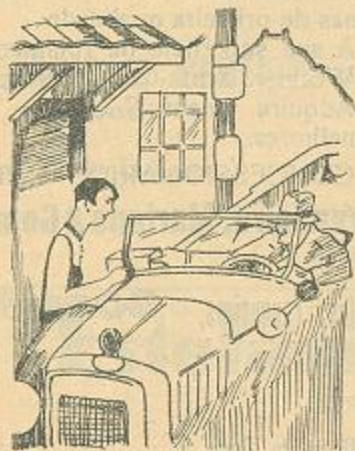
Ali há, com a regularidade das refeições e da renda da casa, a regularidade duma afeição mutua, equilibrada, pausada, como pausado é na vida Silvestre Sampaio, empregado bancário, pessoa que alinha cifras todo o dia, que as perfila, que as passa em revista, e que, nessa parada monotona dos números, encontra o ganho tranquilo do pão de cada dia, sem ambições, sem desmandos, e sem preocupações mais graves do que as duma prova dos nove certa.

Sua mulher tinha tomado já um pouco do seu ar socegado e lento. Era mais esperta, mais inteligente, mais orientadora do lar. Mas, no fundo, marido e mulher eram destas pessoas resolvidas a encerrar a vida pelo prisma favorável do «tem de ser», dispostas a conformar-se com os contratempos de todas as existências, e por isso mesmo, relativamente felizes.

Até a pequenina Maria, herdeira única deste casal de Silvestre Sampaio, parecia ter herdado os bons humores paternos. Raras vezes lhe afluía aos lábios a caramunha peculiar às crianças. Pelo contrario, passava horas intermináveis de pésinhos traçados como uma chinesa, fazendo jantarinhos na varanda da cozinha, e dir-se-hia que o seu sorriso infantil, claro como um sol de agosto, era a propria expressão daquele lar tranquilo...

mento de Silvestre Sampaio, o seu amigo Gaspar—o Gaspar dos automoveis—era aquilo a que toda a gente, na linha de Sintra, chamava um «estroinaça». Se não fôra a solida renda das suas terras do Algueirão, e todas as charnecas que iam por entre Mafra e Ericeira, com casais, terrenos de semeadura e pastagens, se lhe não valesse a varzea de Colares, com as frutas—que só isso, dizia se, lhe dera para cima de 400 contos no ultimo ano, o Gaspar já tinha espatifado tudo, e, no entanto, colegas no liceu, mais tarde numa escola superior, embora diferentes e distantes, em tudo Gaspar e Silvestre eram amigos.

Paradoxalmente, aquele antagonismo não os desunira. E, depois, o Gaspar era um amigo comodo, era rico, tinha automoveis, fazia uma vida larga e despreendida. Nesse verão ele tinha mesmo influido decisivamente para a ida para



O carro parou. A pequenina Maria assomou á porta.

Sintra. Que iam dar grandes passeios, que fazia bem á pequena, que não afeerrolhassem...

E, ou porque o Gaspar fosse de facto um amigo simpatico e comodo—

um amigo de 40 H. P., ou porque na verdade com ele simpatizasse Silvestre, a verdade é que foram para Sintra logo ao começo da estação...

Silvestre vinha pontualmente para Lisboa todas as manhãs, no comboio das 10.

Chegava ao comboio, instalava-se na sua modesta 2.ª classe, punha a malinha ao lado, desdobrava o «Noticias», limpava cuidadosamente os olhos por causa da poeira, e dispunha-se a saborear as novidades chupando o seu «Antonino».

Em Sintra, sobre as estradas boas de Cascais, pelo contrario, o Gaspar fazia uma vida desordenada e livre.

Era vê-lo correr sobre o saibro ver-



Estão-te arbitrados 10 contos de reis...

melho das estradas, cabelo ao léo, em mangas de camisa, guiando veloz o seu super-sport Peugeot. A vida corria-lhe leve como o volante e até, ao encara-la, muitas vezes ele a comparava á magica roda da direcção, que com um pequenino esforço tão bem lhe obedecia, bastando ás vezes o leve premir dum dedo para se afastar dum precipicio ou desviar dum barranco...

Era uma tarde morna, fina, dessa finura de ar e de sol que só ha em Sintra. A casa ficava na Estefania, toda entre massiços duma velha glicinia. Na varanda, entre azulejos, os jeramios eram gotas de sangue rubro ao sol.

O carro parou. A pequenina Maria assomou á porta. Era a visita habitual de Gaspar. Maria da Graça, a mulher de Sampaio, ficava sempre, timidamente, entre portas.

A Mariasinha era o pretexto. Gaspar passara a trazer-lhe um chocolate e havia no ar um ambiente de flirt inevitavel.

Mas Maria da Graça era uma mulher seria. Destas mulheres que têm pela sua honestidade o culto rigido duma religião. Que não admitem a possibilidade de atraiçoar, sequer pelo pensamento, o homem a que se uniram. Alem disso—Maria da Graça amava Silvestre com um amor tranquilo, pouco expansivo mas vivo, confiante, atraído pela casa e pela filha.

Suspeitara já de Gaspar, daquelas idas imprevistas e inexplicadas a horas desertas do dia, com o pretexto futil de Mariasinha.

Mas a suspeita que lhe cruzava o

cerebro—recusava-se o coração a admiti-la. Não, o Gaspar, podia lá ser! E, á noite, beijava muito o Silvestre, quando ele vinha do Banco, cansado, com a sua malinha do lanche repleta das pequenas encomendas para casa...

Mas, nessa tarde, o Gaspar apeou-se do carro...

A sala estava semi-cerrada e havia a paz morna do campo. Sentiam-se zumbir os moscardos de encontro á cantaria branca.

Maria da Graça costurava, na velha «chaise-longue» de «reps». Ele entrara por ali dentro um pouco palido, com grande ar jovial e forçado.

Houve um silencio de constrangimento. Um silencio equivoco, perturbador, que fez tremer o rapaz... depois, o Gaspar, audacioso, chegou-se á meza.

—Está-se aqui tanto á fresca...

E, num repelão, agarrou-a...

A' noite, Maria da Graça foi á Estação, esperar o marido.

E, tranquilamente, com uma simplicidade franca, de braço dado, para casa, contou-lhe tudo. O primeiro gesto do rapaz foi terrivel. Mas ela disse-lhe:

—Não, tenho um plano. Nós vamos convidar para jantar o Gaspar...

No primeiro domingo Gaspar veio, de facto, jantar com os seus amigos. Foi o Silvestre que lhe escreveu um bilhete a convidá-lo. A refeição foi de baixo da latada de uvas ferrais, azuis agora do sulfato. A refeição foi alegre, bem disposta. Maria da Graça sorriu muito e cantaram os pais de Mariasinha...

A' sobrezeza, Silvestre ergueu um pouco a voz, mandou embora a pequena, e disse:

—Gaspar, vais ser julgado. Não te rias, porque o caso vai-te custar mais caro do que supões. Eu sei que vieste aqui com um pensamento desonesto sobre a minha mulher. Não me julgues imbecil—pelo contrario, estou mais do que nunca lucido! O teu crime, um crime de ofensa moral, está previsto pelo código e é punido pela lei. Se dessemos parte de ti á policia, como temos testemunhas, as duas criadas, pagarias uma multa grande, que seria para o Estado. Na America, essa multa chamar-se-hia uma indemnisação e seria para nós. Ora, já que tu és um entusiasta da America, nós vamos resolver isto á americana. Não damos parte de ti—mas tu terás que pagar uma multa—. Estão-te arbitrados 10 contos de reis—Achas muito? O dr. João Eloy, se lá apparecesse, fazia-te pagar o dobro, meu velho!...

Dias depois, no Monte-pio Geral, era inscrito, numa caderneta, o nome da pequena Maria. A' frente apunha-se-lhe a cifra redonda de dez mil escudos... e o tal automovel super-sport nunca mais parou á porta da pequena casa das glicinias na Estefania...

O Reporter Misterio

Em opposição completa ao tempera-

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

JUNTO do lago dum azul sereno, onde deslisavam, brandamente, os cisnes, Margarida entrelinha-se a observar um cardume de peixinhos vermelhos, que disputavam, vorazmente, umas migalhas

Foi quando terminou o seu passatempo de todas as tardes que, ao voltar-se, o avistou, num sobressalto doloroso! Tantos anos haviam passado sobre o triste caso da sua mocidade, e contudo reconheceu-o logo, tão pouco tinha mudado! Encanecera, é certo. O rosto moreno, com sulcos profundos, traía bem a acção implacável do tempo. Mas era ainda êle, na beleza varonil dos traços e na distinção natural do porte, um dos seus maiores atractivos. Sómente os olhos, esses belos olhos negros, abismos de sombra, em que a sua pobre alma se despeñhara, embaciados e sem expressão, olhavam sempre em frente, numa fixidez aterradora. E atentando no pequenito, que numa gravidade precoce lhe conduzia os passos, Margarida compreendeu, num estremecimento de todo o seu ser, a terrível verdade.

O infeliz estava cego!
Na deliciosa tepidez dessa tarde de outono, Margarida evocava, agora, o drama do passado, episodio banal, como tantos outros, mas que fôra o escolho fatal em que sossobrara a sua vida inteira.

A melancolia do entardecer lançava sobre o velho jardim publico uma serenidade triste, cortada a espaço pela alacridade das crianças, que brincavam aos bandos, como a passarada que revoava nos altos ramos do arvoredo secular. No banco perto de Margarida dois velhotes caturravam em politica, e mais além uma graciosa mamã manejava habilmente o «tricot», velando, ao mesmo tempo, o seu «baby» adormecido num carrinho.

Um par de namorados passava, vagarosamente, de mãos dadas, embebedado numa conversa interminavel... E alheada de tudo que a cercava, Margarida revia o recanto da provincia onde nascera e onde crescera tão feliz, filha unica idolatrada dos pais. Aos 18 anos, flôr de carne em pleno esplendor dos seus encantos, estava noiva dum dos melhores partidos da região.

Por esse tempo apparecera na terra, chamado pela construção duma linha ferrea, o moço engenheiro que tanta sensação produzira no acanhado meio provinciano. Belo rapaz, distinto e intelligente, constituiu desde logo o ponto de mira de quasi todas as filhas-familias da «élite» local. Por fatalidade, Margarida tinha sido a preferida. A sua fina beleza de loura, tão idealmente pura, exaltando-lhe os sentidos, gerara nelle um desses desejos ardentes, que obstaculo algum logra deter. Porisso, a noticia do seu proximo casamento, longe de o desanimar, acirrou-lhe os brrios de conquistador, e foi para aquela alma, naturalmente desprovida de escrúpulos, e habituada á corrupção

dos grandes centros, um excitante diabolico.

Ela, de principio, lutara, tentando fugir á estranha fascinação, mas, no seu intimo, latejava o orgulho de se sentir preferida por aquele a quem todas desejavam...

Assim Margarida se perdera, e uma noite de inverno, tempestuosa como o seu destino, abalara da casa paterna para os braços desse homem, que a embriagara nas suas juras frementes de paixão...

Os primeiros meses tinham decorrido num sonho. Depois viéra a realidade, e, com ela, esse viver de martirio



«Cego! Cego te veja eu!»

junto dum homem saciado, aborrecido, que não lhe poupava desgostos nem humilhações. Ela submetia-se a tudo, para o não perder, mas, a ocultas, chorava, pensando naqueles que abandonara, e sentia o remorso a corroer-lhe o coração.

Um dia ele partira jurando voltar breve, numa profusão de caricias, de que a tinha desabituaado, havia muito. Em vão o tinha esperado. E só por mero acaso soubera, meses depois, do seu casamento, numa terra distante...

Fôra então que num paroxismo de desespero, alucinada, tragica, lançara em uivos de dôr o fatal anátema, voto terrível que num estremecimento de todo o seu ser via consumado: «Cego! Cego te veja eu!»

Na angustia do seu abandono vira-se inteiramente só. Os pais tinham morrido. O noivo buscara o esquecimento noutro lar. Ela vivera presa á sua dôr, como um forçado á grilheta, até que o tempo, pacificador supremo, lha diluira na vulgaridade do viver quotidiano. Depois... era nova e bela. A sua volta moviam-se curiosidades, ade-

O GRITO DE UMA ALMA

Pagina impregnada de suave lirismo. O destino de duas almas que se encontraram, no descritivo fremente de uma rara sensibilidade feminina.

javam desejos. E Margarida resvalara. Outros amores a tinham agitado. Outras dores a tinham pungido e transformado na sombra apagada do que fôra.

Tal tinha sido a obra desse homem, que, sentado a pequena distancia, acobrunhado na sua treva, acusava no semblante uma dessas maguas para as quais não existe lenitivo.

Margarida estava vingada, bem vingada.

Contudo não era o jubilo da vingança satisfeita que lhe fazia pulsar mais vivo o coração. Pelo contrario! Toda ela vibrava numa emoção dolorosa, especie de piedade, por esse homem que tão rudemente lhe amafanhara a alma, e agora via, tão fraco como uma criança, na inutilidade dos seus olhos mortos! E Margarida chorava! No seu pobre coração ulcerado,



«Ele ficara silencioso... Tantas dores tinha semeado pela vida...»

o passado revivia numa saudade que a despedaçava. Agora, que o via desgraçado, sentia que o amava ainda, que o amava sempre, e que o voto ter-

rível, que obedecendo a forças misteriosas via realiado, não fôra mais que o grito da sua alma ferida! O arrependimento tomava-a.

Na doçura penetrante da tarde, uma ternura imensa subia do mais intimo do seu ser.

Como desejaria mitigar o seu tormento, ampará-lo na sua máguia, conchegá-lo ao seio num carinho puramente maternal! Mas ah! Ela já nada representava para êle! Tanto que lhe dera, e era a repudiada, expulsa do seu coração e da sua vida! E se algum olhar de mulher iluminava ainda a sua triste noite, não era decerto o seu!

Um soluço dilacerante enterneceu-lhe o seio, e, precipitando-se para êle, beijou num fremito de ternura os pobres olhos, extintos para sempre.

O cego teve um sobressalto e voltou-se para a criança, numa interrogação comovida:

«Quem era?» «Quem era?!»
E a criança, na sua vósinha triste, explicou:

«Era uma senhora, avôzinho, uma senhora de preto. Estava a chorar...»

Ele ficara silencioso... Tantas dores tinha semeado pela vida...

E enquanto Margarida se afastava a passos de sonambula, o cego cogitava ainda de quem poderiam ser os beijos, que tinham trazido á sua treva a luz da piedade e do perdão.

JULIA

Material Radioelectrico

GRAMOPHONES

DISCOS «EDISON BELL»

para Jazz-Band

RADIO-LISBOA, L.^{DA}

Rua Serpa Pinto, 7—LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE

Sabão Simão

(Sabão crême desengordurante)

Não tem rival — Útil em todas as casas

Excelente para limpeza de marmores, esmaltes, alumínio, metais, vidros, etc. O melhor desengordurante para limpeza de mãos. — Útil em todas as oficinas e garagens.

A Idealista

Telef. 5771 N. — Rua Ferreira Borges, 70
Empresta dinheiro sobre tudo que oferece garantia, ao juro da Lei, 3 e 4 %.

Compra e vende ouro, pratas, joias, mobiliários, etc. — **JOÃO ANTONIO BARBOZA**

BICICLETA



A vencedora da I Volta a Portugal na categoria de Fortes e Fracos, acaba de marcar indiscutivelmente a sua supremacia, com ustando entre muitas outras victorias as importantes primeiras classificações na Taça Olympica e na I Tomar-Lisboa — Representantes em Portugal: CASA VELO-ESTEFANIA, 40, Rua José Estevão, 41. — Telefone 3832.

COLEGIO VASCO DA GAMA

Travessa das Freiras (a Arroios), 2—(Lisboa-Norte)

Telef. N. 2145

End. telegrafico: COLEGIO-LISBOA

Recomendado pela Delegação de Saude—Diplomas de Honra do Ministerio da Instrução Publica—O primeiro estabelecimento particular de educação e ensino do País.

INTERNATO—SEMI-INTERNATO—EXTERNATO. Classe infantil, instrução primaria, Curso Completo dos Liceus (Sciencias e Letras), Curso Commercial, Curso Geral de Agricultura louvado e reconhecido de Utilidade Publica pelo Governo. Educação Moral, Intellectual, Artistica e Fisica com todos os desportos. Convidam-se os encarregados da educação a visitar as instalações do Colegio, para directamente examinar as suas condições e julgarem em confronto das vantagens pedagogicas, higienicas e disciplinares, ministradas aos alunos.

12 anos de brilhantes resultados literarios e educativos

OS DIRECTORES
Padre Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu
Dr. Luis Gonzaga da Silva Fieto Abreu
Dr. Alberto Carneiro de Mrsquita

FUNERAES TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRANSLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS,
PROVINCIA, ETC.

URNAS,
ARMAÇOES,
COROAS ETC.

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE

131. R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:
RUA DOS ANJOS 139, 2.º E.

LISBOA

HOTEL LUSO-ITALIANO

PAREDE
(LINHA DE CASCAIS)

ABERTO TODO O ANO
SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS
Constantino Molle

V. Ex.ª quer vestir com elegancia e economia?... vista-se na



CAMISARIA — GRAVATAS
SUSPENSORIOS LIQAS
PREÇOS SEM COMPETENCIA

CANDEIROS DE ELECTRICIDADE
Chegaram lindos modelos ao
BICO NACIONAL AUREO, L.ª
Rua 1.º de Dezembro, 35 e 37

MATERIAL ELECTRICO

Fios e cabos para electricidade
Lampadas «PHILIPPS»
Motores electricos
e dinamos da
GANZ-E. A. G.-Budapest
Sociedade **SAMARAL, L.ª**
RUA DE SANTA JUSTA, 82, 2.º
LISBOA
Telefones: (N. 3580 Armazens
N. 4952 Escritorios)

Ribeiro e Silva L.ª

R. AUGUSTA, 154, 156

Telefone C. 2468

Alfaiates para homens e senhoras, genero Tailleur

Participa aos seus estimaveis clientes que tem a despacho, todo o sortido de fazendas para a proxima estação, escolhidas nos principaes centros da moda.

FOTOGRAVURA NACIONAL L.ª



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL-NORTE-3538

trabalhos
tipograficos
em
todos os
generos
executam-se
nas
oficinas
de
O DOMINGO
ILUSTRADO

« STAR »

A Biciclete de grande fama
Agentes para todo o País:
Casa VELO-AVENIDA
R. MARIA ANDRADE, 47-LISBOA

COLETES Á «TIVOLI»

em lã, o que ha mais chic para senhora a 39\$00!!
Sortido completo em meias de todas as cores desde 6\$50
Camisaria Tivoli
Rua do Ouro, 93 Telef. C. 1359

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Prefiram sempre as Caranjadas Valformoso

Fabrica — **SINTRA**
RUA VEIGA DA CUNHA
Gilbert L.^{da}

Afonso do Nascimento

É

Quem tem sempre maior sortido em artigos de novidade e que vende sempre mais barato

Aos Refrigerantes da Pena

são preferidos por toda a gente

S. PEDRO — ESTEFANIA — SITRA
TELEFONE 24

Empreza Electrica, Limitada

ELECTRICIDADE : — Instalações completas, Telefones, Ventoinhas. Para raios, Lustres, Motores, Bombas centrifugas e Material electrico.
ENCANAMENTO : — Agua, Gaz, Aquecimento. Material sanitario e estrangeiro, Bombas de todos os sistemas, Montagens completas de casas de banho e reparação de aparelhos electricos.

120, Rua da Prata, 122 TELEFONE 5198

OFICINAS Largo de Santa Marinha, 25 — LISBOA

ESTORIL Grande Parque do Estoril - Telefone 90

CINTRA Telefone 28

Farmacias MARRAZES

Largo S. Martinho, 25 **CINTRA** Largo Afonso d'Albuquerque
VILLA Telefone 58 ESTEFANIA

Especialidades e Perfumarias nacionais e estrangeiras. Artigos de borracha, penes esterilizados e empoas. Sortimento completo de aguas minerais. Esterilizações e Analises. Machinas, Peliculas e todos os artigos fotograficos da casa

KODAK, LTD.

Depositarios do INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Farmacia Internacional de Lisboa

GAZOLINA WACUUM OIL C.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

GRANDE RESTAURANT «CABARET D'ALGÉS»

(A's Portas d'Algés)
DE

Fernandes & Fernandes, L.^{da}

Esmerado serviço de cozinha
Serviço Permanente
CABINETES RESERVADOS

NORTE 4991

é o numero do telefone da Loja Infantil aonde está um saldo fim de estação de todas as especiades desta casa, com 60 e 70 o/o de abatimento
114, ROSSIO, 115 Susano & Pinlo, L.^{da}

LOJA DO POVO

DE **Casimiro Pinto**

Secção de Solas, Cabedais, Fanqueiro e Retrozeiro.

AVENIDA HELIODORO SALGADO

Telefone 74 Estefania — Sintra

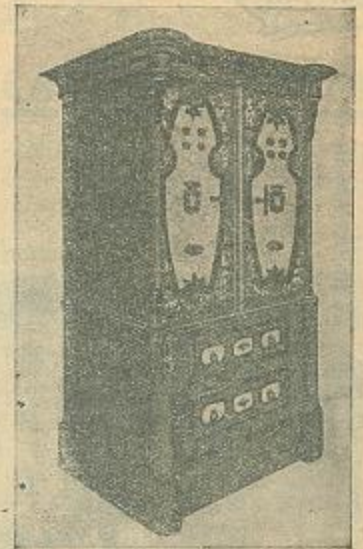
Joaquim Pereira Pinto

MERCEARIA E FANQUEIRO

Especialidade em Louças, Vidros, Retrozeiro, Bijouterias, Carnes fumadas, Azeite de Castelo Branco e Vinho de Colares da lavra do proprio.

AVEN DA HELIODORO SALGADO

CINTRA



Pedroso & C.^a

RUA DE S. PAULO, 85 E 87

COFRES, BOMBAS E MAQUINAS AGRICOLAS

VINDES A LISBOA? HOSPEDAL-VOS NO Lisboa Pension Hotel

CALÇADA DA GLORIA, 17

A' Avenida da Liberdade

Junto ao Salão Foz. Predio todo Telefone N. 3199
LISBOA

Instalações de 1.^a ordem — Cozinha á portugueza e franceza

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — RUA DO COMERCIO — LISBOA

CAPITAL REALISADO
Esc. 50:000.000\$00

RESERVAS
Esc. 42:000.000\$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Evora, Elvas, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Guarda, Fundão, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Porto, Regua, Santarém, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo Antonio, Vila Real de Traz-os Montes e Vizeu.

MADEIRA—Funchal **AÇORES**—Angra do Heroismo e Ponta Delgada
S. TOME, PRINCIPE **CABO VERDE**—S. Vicente e S. Tiago
GUINÉ—Bissau, Bolama

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga, **BANCO DE ANGOLA**—Com filial em Loanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango), Kinshasse (Congo Belga).

AFRICA ORIENTAL—Beira (Agencia) Banco da Beira, Lourenço Marques Tete, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane, Ibo.

INDIA—Bombaim, Mormugão e Nova Gôa. **CHINA**—Macau. **TIMOR**—Dili, **BRASIL**—Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará, Manaus.

INGLATERRA—Londres. **FRANÇA**—Paris. **ESTADOS UNIDOS DA AMERICA**—Agencia em New York.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paizes estrangeiros.

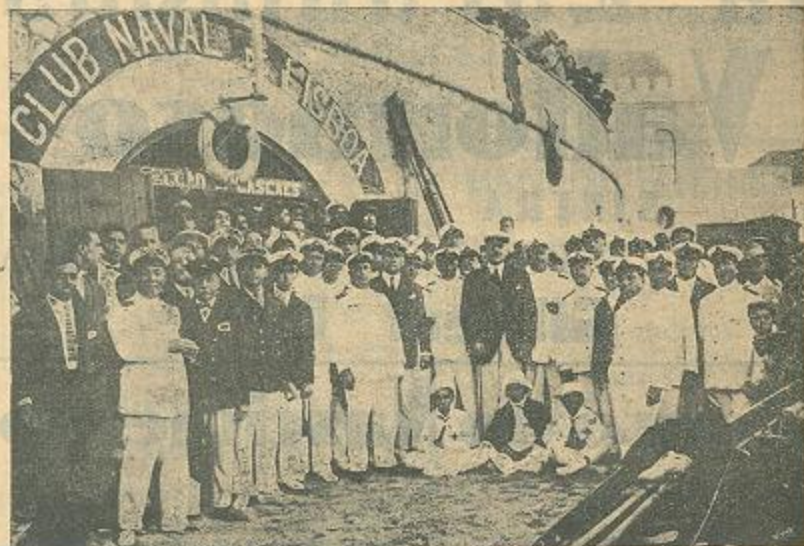
Actualidades gráficas

SINTRA EM FESTA



Os preparativos para o arraial de N. S. do Cabo.

AS GRANDES PROVAS NAUTICAS



O júri, os concorrentes e os organizadores das grandes provas de vela, remo e natação, figurando ainda outros socios do Grupo Nautico Português e do Club Naval de Lisboa.

(Cliché J. S. Diniz. Foto-Press.)

O ULTIMO ACTO DA TRAGEDIA



A celebre dansarina Isadora Duncan, após uma existencia batida pela Desventura, encontrou a morte num estúpido accidente, prendendo-se-lhe a «écharpe» á roda do automovel que experimentava, estrangulando a.

«Foto Meurisse»

OURIVESARIA PORTUGUESA



Uma elegantissima peça da acreditada ourivesaria J. M. & Pedro Fraga, Rua da Palma, 82.

NOSSA SENHORA DO CABO EM ODIVELAS



O cirio que hoje entra em Sintra parte de Odivelas. Eis um aspecto da igreja deste lugar, momentos antes da organização do cirio.

«Cliché E. Cunha»

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

O AZ DA REVISTA
NUM NOVO COMPÈRE



Carlos Leal

Carlos Leal, o rei dos compères, vai criar, ao lado de Elisa Santos, a festejada *divette*, o «Senhor que se segue». Assim se intitula o compadre da revista «Chave d'Ouro», com que se estreia no Teatro Salão Foz, a 29 do corrente, a companhia Holbeche Bastos.

No elenco, além dos dois queridos artistas, Joaquim Prata, Ofélia Brochado, Carlos Alves, Elisa de Guizette, Alfredo Silva, Luiza Durão, José Tavares, Rosalina Sayal, Vitor Rosa e Ilda Silva.

Mise-en scène a cargo de Rosa Mateus e Joaquim Prata.

A «SEMANA» HUMORISTICA DOS IMPOSSIVEIS

IMPOSSIVEIS EM THEATRO

Deixar de ser o cumulo da gentileza o actor empresario Alves da Cunha.

Deixar de reinar a harmonia na companhia Nascimento Fernandes.

Deixar de haver «ferrugem» no Teatro Maria Vitoria.

Deixar de ir ao Brasil a companhia Rey-Colaço-Robles Monteiro.

Deixarem de ser só duzentos os actores sem emprego para o inverno.

Deixar de ser o maior actor de Portugal e dos Algarves, d'Aquems e d'Alem-Mar... o simpaticissimo (o reclamista da empresa esqueceu-se de nos mandar a nota habitual...)

Deixar de ter voz de tenor o actor João Silva.

Deixar de ter graça o comico Gil Ferreira.

Deixar de ser estilizada a actriz Deolinda de Macedo.

Deixar de se desdobrar o astral das coplas do dramaturgo e comedografo Bermudes.

Deixar de ser perdulario o actor Chaby Pinheiro.

Deixar de tomar aguas minerais o actor Silvestre Alegrim.

Deixar de ser enternecedoramente camarada a actriz Palmira Bastos.

Deixar de ganhar dinheiro o actor Alexandre d'Azevedo.

Deixar de ser um grande «cabo de co npanha» o actor Raul de Carvalho.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pal dos cinemas liboecitas. Optimos filmes, sempre variados e para todos os pallores do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissimas e elegantes salas.



A mecanização dos artistas

ROBERT de Flers, que ha pouco morreu em França coberto de gloria e de simpatia tinha, por habito, que julgava indeclinavel dever de imparcialidade, escrever as suas impressões de critico dramatico oito dias depois da primeira representação. Fugia assim ao ambiente intoleravel das *premieres*, onde o autor vale pelos seus amigos ou pelos seus inimigos—e não pela obra que apresenta. E' difficil resistir á atmosfera das estreas. Muitas vezes entra-se num teatro com uma opinião já formada. O comentario agradável ou desagradavel insinua-se em todos os ouvidos, poreja em todos os cafés, vai na rua, no carro electrico, na sugestão obrigatoria do reclame, que o jornal insere. Ha consagrações de nomes que é difficil atacar, outras que é difficil desfazer. Diz-se que um autor tem talento—e o selo fica para toda a vida, sem sobrecargas que lhe diminuam o valor facial. Afirma-se que outro é um prozador magnifico—e a qualidade mantem-se invariavel, embora, posteriormente, ele nos dê razões para a desmentirmos. Com os artistas já não succede o mesmo, embora haja quem viva do seu passado, e mesmo até quem ss tenha guindado explorando habilmente rivalidades e antipatias estranhas ao teatro...

Robert de Flers, escondido e modesto, sentava-se no seu lugar de critico, já quando as cabalas dos bastidores tinham desaparecido e a *claque* amornava os seus entusiasmos pagos. Em silencio e sem sugestão do vizinho, ou da sala, observava em detalhe e julgava com indulgencia. Não defendia apenas a sua intelligencia; defendia tambem os artistas e a obra que eles interpretavam. De maneira alguma pretendemos que o exemplo vingue em Portugal. Por tudo—e por nós! Se evocamos a attitude de Robert de Flers é para frizarmos certo ponto de teatro, que merece estudo e a necessaria corrigenda.

Ei-lo: o trabalho dos nossos artistas diminui de intenção e de intensidade, conforme cada representação, e no total todas elas. No dia da *premiere* o seu esforço—tem qualquer coisa de milagre. O instinto, a vontade de se imporem, de obterem da critica um elogio, e do publico, uma rajada de palmas, levam-nos a um constante dominio dos nervos, que dá a perfeição integral e real da figura, e a um nervosismo conceptivo que transforma os mediocres em portentos. Passada essa noite de excepcional acuidade, o artista dormita. Cansa-se. Deu tudo duma vèz. Perde o respeito ao publico e representa como quere. Nascem então as viciações do desempenho, feito aos calhanços, as adulterações do texto, as entradas e saídas a contratempo, o estilo pessoal e trivial batido em clichés do mesmo tipo, a mecanização.

Não pretendemos encarapuçar a ninguem estas considerações, o que seria facil. Desejamos apenas salvar a probidade dos nossos comediantes, para prestigio do seu nome e da sua obra. O publico é sempre igual. Não depende nem da quantidade nem da qualidade. Trabalhar só por uma plateia, a primeira, por ser intellectualmente mais plastica e arguta—é crystallizar, abandonar a obra, que nunca pode sair perfeita dos apressados ensaios que para af se realizam, muitas vezes sem ensaiador... Só o tempo a pode tornar equilibrada, justa, sincera, igual á vizão do artista, e do dramaturgo, e tambem da critica, se quizerem...

ARTUR PORTELA

Politeama Avenida

A Companhia Nascimento Fernandes representa a revista de grande monta-gem «A Aldeia dos Macacos».

Nascimento Fernandes reuniu á sua volta alguns dos melhores elementos que fazem o genero. «A Aldeia dos Macacos», uma deliciosa «charge», promete eternizar-se no cartaz do lindo teatro da Rua Eugenio dos Santos.

Companhia Satelela Amaranthe. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amaranthe—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que renne a encarnação duma mocidade fresca e «típica» parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «Aqua-pé».

Em pleno exito a companhia Alceida Cruz com a revista A «Mcuraria», grande espectáculo de fantasia.

A «Mouraria», ainda o atractivo de «répétiz», sempre repleta de chiste Filomena Lima, Zulmi e Vargas, Margarida Ferreira, são algumas das primeiras figuras femininas da companhia.

Eden

Pathé Cinema

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

CÁ POR DENTRO

O Politeama, segundo parece, dedica-se de vez ao cinema. Parabens ao sr. Luiz Pereira.

—A «Aldeia dos Macacos» transporta-se para o Eden, e então vai ser um paraíso.

Dez dias de sessões. Preços populares. Graça ás pilhas condensada. Dinamização de todas as boas vontades. Após a «Aldeia dos Macacos», o «Chico das Pêgas»... Parabens ao sr. Nascimento Fernandes.

—Hortense Luz é a principal figura de uma companhia genero musicado que em Dezembro segue para as Ilhas, por conta da empresa Martins & Barbosa. Da companhia fazem parte varios elementos de destaque no meio teatral.

No repertorio figuram, entre outras peças, a revista-fantasia «Chá das Cinco», original de Jorge Simões e Ferreira da Silva.

—Segundo as ultimas noticias recebidas do Rio de Janeiro, por uma entidade á margem dos negocios teatraes, o empresario José Loureiro preparou uma larga *tournee* para a companhia Rey Colaço Robles Monteiro, após a estada no Municipal.

De interessante neste arrojado plano, apparece isto: A economia das passagens. «Si non é vero, é ben *ingendrato*...»

CEIA A' AMERICANA

EM HONRA DE ILDA STICHINI

No Casino das Pedras Salgadas realisou-se uma brilhante ceia á americana, oferecida pelas senhoras que ali veraneiam em honra de Ilda Stichini.

A artista insigne foi alvo de tocan-tes homenagens, que encerraram, com chave douro, o ciclo festivo dos seus serões de arte.

Ilda Stichini, com a sua companhia, efectuou em seguida varios espectaculos em Espinho e, ultimamente, na Figueira da Foz, obtendo aí *records do triunfo artistico* e financeiro da temporada.

Odéon

Um cinema digno de uma grande capital. Casa de espectaculos modernos, confortavel, de risco biazarro. Odéon exhibe as mais notavris super-produções da grande fabrica Americana «Mtro-Quodwin Mayer».

Os «spectaculos do Odéon estão á marcar um acontecimento de elegancia.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portugueza e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções européias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a tornála a preferida do publico



FABRICA DE CERVEJA ESTRELLA



A MELHOR CERVEJA DO PAIZ

Para as festas de N. Sr.ª do Cabo, em Sintra, montou a FABRICA ESTRELLA, propositadamente, um Bar, que vai ter a maior affluencia. Encontra-se ali a saborosissima cerveja, sem par, e a especialidade da fabrica — refrigerantes de frutas.

A SINTRA MODERNA

Vista tirada de um restaurante. A moderna Sintra, com o seu casino e mercado Central, e o seu jardim de flores e jardins. — (L'Espresso)

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ASSINATURAS

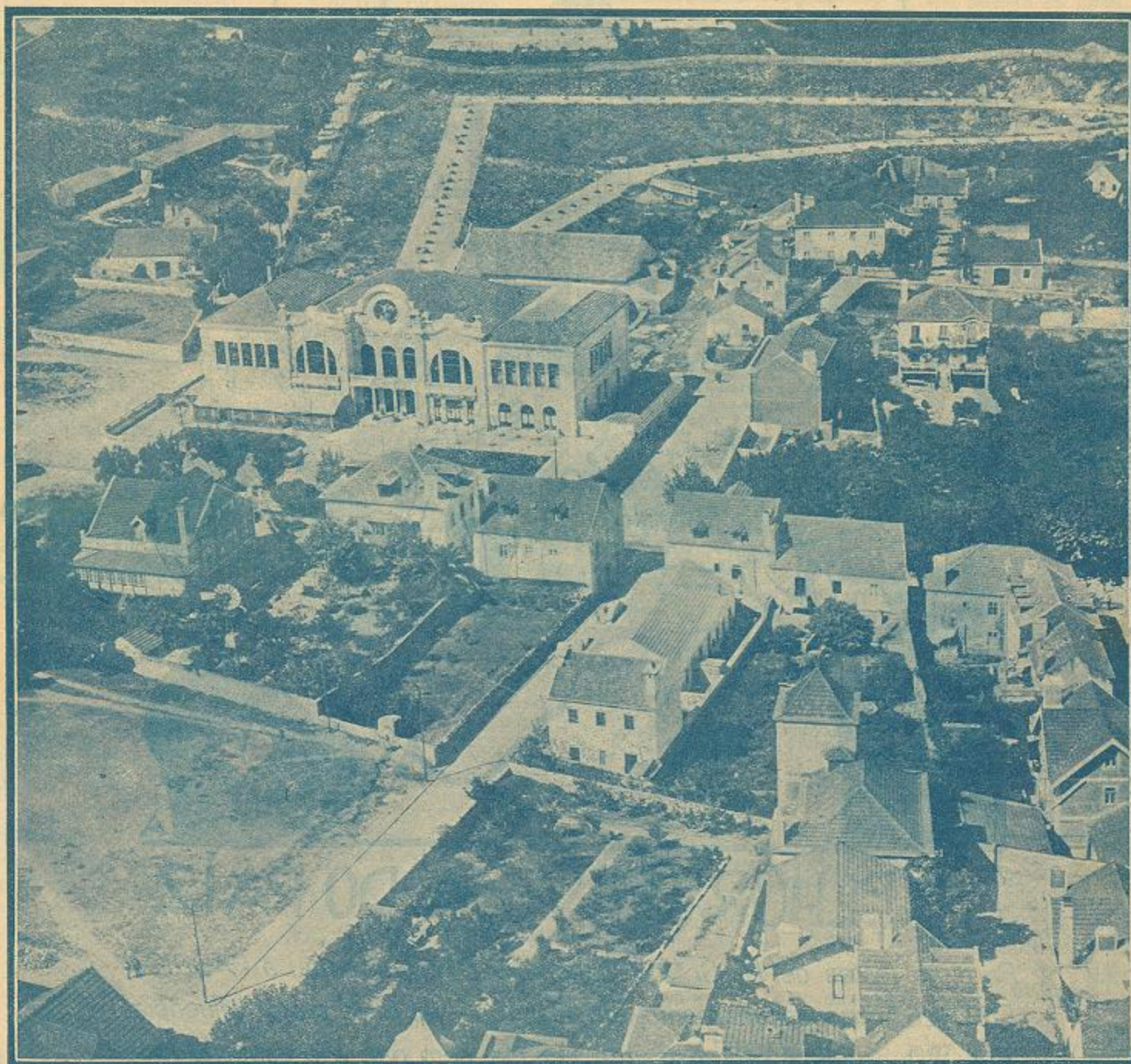
CONTINENTE E HESPAÑA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ilustrado

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO, 5220 - SEMESTRE, 2600
E STRANGEIRO
ANO, 6400 - SEMESTRE, 3200

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



A SINTRA MODERNA

Vista tirada de um aeroplano. A moderna Sintra, vendo-se ao centro o magestoso Casino, um dos primeiros da Peninsula. — (Fotografia inédita e sensacional, cedida obsequiosamente ao «Domingo Ilustrado»).